

MÃE E MATERNIDADE NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DE A *TETA RACIONAL*, DE GIOVANA MADALOSSO

MOTHER'S AND MATERNITY IN LITERATURE: AN ANALYSIS OF A *TETA RACIONAL* BY GIOVANA MADALOSSO

Andre Rezende Benatti¹
Renan da Silva Dalago²
Paula Anielly Amorim Gomes Freitas³

Data de recebimento do texto: 23/04/2024

Data de aceite: 21/05/2024

Resumo: Giovana Madalosso se destaca por sua linguagem vibrante e um estilo que se caracteriza pela originalidade. Ela utiliza a ironia e o humor de forma perspicaz para desafiar as expectativas do leitor e subverter as normas literárias convencionais. Suas histórias exploram frequentemente o absurdo do cotidiano, revelando a estranheza que pode estar presente nas situações mais comuns, dentre suas obras, a primeira intitulada *A teta racional* (2016), tem dez contos que falam sobre maternidade, maternagem, amamentação e o ato de ser mãe no mundo contemporâneo. Por este viés, o presente trabalho de conclusão de curso se propõe a compreender a relação entre mãe e maternidade na literatura, bem como fazer uma análise de “A teta racional” conto homônimo ao livro, sexto conto presente na obra. Para isso utilizaremos referencial bibliográfico pautado em escritoras que falam sobre mulheres, mães e maternidade, bem como literatura e maternidade tais como: Hooks (2018); Beauvoir (2009); Kitzinger (1996), bem como outros autores e autoras que dissertem sobre o tema proposto. A partir do estudo é possível observar a transformação da mãe e da maternidade na literatura e na arte, onde as mães deixam seu aspecto angelical, produto de uma narrativa patriarcal, para que elas mesmas, mulheres, escrevam sobre suas experiências como mães e na maternidade, que por vezes pode ser angelical e positiva, mas também há inúmeros momentos que são negativos e nocivos para as mulheres.

Palavras-chave: Maternidade. Maternagem. Feminino. Mães. Filhos.

Abstract: Giovana Madalosso stands out due to her vibrant language and unique style marked by originality. She skillfully uses irony and humor to challenge readers' expectations and subvert conventional literary norms. Her stories frequently explore the absurdity of everyday life, revealing the strangeness that can be present in the most ordinary situations. Among her works, the first titled *A Teta Racional* (2016) consists of ten short stories that discuss motherhood, mothering, breastfeeding, and the act of being a mother in the contemporary world. From this perspective, the present undergraduate thesis aims to understand the relationship between mother and maternity in literature, as well as to analyze “A Teta Racional,” the eponymous sixth short story in the collection. To achieve this, we will employ a bibliographic framework grounded in female authors who discuss women, mothers, and maternity, as well as literature and motherhood, such as Hooks (2018), Beauvoir (2009), and Kitzinger (1996), alongside other scholars addressing the proposed theme. The study reveals the transformation of the mother and maternity in literature and art, wherein mothers shed their angelic aspect—a product of patriarchal narratives—allowing women themselves to write about their experiences of motherhood. These accounts highlight that motherhood can be angelic and positive at times but also include many moments that are negative and harmful for women.

Keywords: Maternity. Femininity. Mothers. Children.

¹ Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. Membro do GT Relações Literárias Interamericanas da ANPOLL – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>. E-mail: andrebenatti@uems.br

² Mestre em Letras - Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9669-1701>. E-mail: renandalago@gmail.com

³ Formação em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: p.anielyfreitas@gmail.com

Introdução

Giovana Madalosso é uma autora contemporânea brasileira, que se destaca no cenário literário por sua abordagem provocativa e inovadora de temas do cotidiano. Seu primeiro livro, intitulado *A teta racional*, publicado pela Editora Grua em 2016, é um testemunho literário que reflete a complexidade das experiências humanas, além de tocar em temas como maternidade e amamentação.

Nas obras de Madalosso é possível observar que a autora se preocupa em explorar temas contemporâneos e relevantes em suas obras, tais como identidade e pertencimento, feminismo, multiculturalismo, sexualidade e relacionamentos, crítica social e política, humor e sátira, tecnologia e mídia. Em seu segundo livro, intitulado, *Tudo Pode Ser Roubado* (Editora Todavia, 2018), a autora apresenta uma metáfora interessante sobre o existir em São Paulo. Já no seu terceiro lançamento, *Suíte Tóquio* (Editora Todavia, 2020) a autora aborda com humor ácido as questões seculares das relações domésticas brasileiras. Além disso, a autora também deve escrever sobre mudança climática, feminismo e questões ligadas à cultura, como arte e literatura.

Importante ressaltar que, mesmo diante de uma escritora brasileira contemporânea com três livros publicados, há poucos estudos sobre as obras da autora no que se refere à pesquisas bibliográficas sobre as autoras e sua obra, na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertação e Teses há apenas um trabalho em que maternidade e a obra *Teta Racional* é analisada, a dissertação escrita por Andressa da Silveira, para o programa de pós graduação da PUC-RS é intitulado *Representações da maternidade em contos da literatura brasileira contemporânea* (2022), recente, a autora traz em seu resumo, que tem diante da dissertação:

Com o intuito de averiguar de que maneira a imagem materna foi construída e entender como é estabelecida até os dias atuais, utiliza-se como base teórica e instrumento de investigação crítica os estudos das teorias feministas. Os contos literários examinados, que são de autoria das escritoras contemporâneas Clarice Lispector, Conceição Evaristo e Giovana Madalosso, respectivamente das obras *Laços de Família*, *Olhos D'água* e *A teta racional*, tratam de assuntos acerca da maternidade que circundam as mulheres da idade média ao período atual. Nas respectivas narrativas abordadas, constata-se discussões a respeito da maternidade que não vão de encontro com os padrões que a sociedade considera como o de mãe ideal. A partir disso, observa-se a necessidade de que a maternidade seja analisada e discursada como uma experiência plural (Silveira, 2022, p. 8, grifo nosso).

Além da presente dissertação, há apenas mais duas referências a obra *A teta racional*, ambas como artigos científicos publicados em periódicos, a primeira intitulada *Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea* (2018), de autoria de Ana Luiza de Figueiredo Souza, publicado na revista *Cadernos da Escola de Comunicação*. A segunda publicação em periódico se trata de *Mulher-mãe: as performances nos contos ira das mães de Altair Martins e XX + XY de Giovana Madalosso* (2018), de Luana de Carvalho Krüger publicado na *Caderno de Letras*.

Em suma, ambos os artigos mencionados compartilham o interesse por representações da maternidade na literatura contemporânea, destacando a importância de representações mais autênticas e realistas desse papel. Ambos também buscam analisar como as narrativas literárias exploram as performances de gênero associadas à maternidade, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre as concepções de mulher-mãe na sociedade atual.

A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo observar como a mãe, a mulher e a maternidade é posta na literatura, que vai para a sociedade e automaticamente sai da sociedade para se tornar literatura, para isso na primeira parte falaremos sobre a possível visão da “primeira mãe do mundo”, uma mãe virgem, maternal e afetuosa, inexistente no mundo real.

Já na segunda parte trataremos a literatura e a maternidade para o centro do trabalho e observaremos como elas se relacionam, bem como, se desprendem, aqui também veremos como a maternidade é vista em algumas literaturas, desde a mulher materna angelical e afetuosa, até a mãe que odeia sua função de ser mãe.

Na terceira parte entraremos na vida, profissão e obra de Giovana Madalosso, que terá um de seus contos homônimo ao livro “*A teta racional*” (2016) analisado na quarto e última capítulo.

Em nome da mãe, do pai e da arte

A representação da maternidade na literatura tem sido um tema recorrente ao longo dos séculos, refletindo não apenas as percepções culturais e sociais de cada época, mas também a evolução das próprias experiências maternas. No entanto, é imperativo questionar qual imagem de mãe a sociedade preserva até os dias de hoje. Anteriormente, a maternidade estava fortemente associada ao mito cristão da Virgem Maria, uma representação amplamente difundida na literatura, especialmente aquela produzida por homens. Nesse contexto, a

maternidade era vista como uma bênção divina, algo a ser aceito com resignação e eterna gratidão, pois a mãe era considerada digna dessa graça, como relata Silveira:

[...] Sendo assim, faz-se necessário discutir qual a imagem de mãe que a sociedade preserva até os dias de hoje. Se antes a mãe estava envolta no mito cristão da Virgem Maria, principalmente na literatura produzida por homens, ou seja, a maternidade encarada como bênção divina e, desse modo, devendo ser aceita com resignação e eterna gratidão por ela ser digna dessa graça, na literatura contemporânea, podemos nos deparar com uma galeria de personagens que trazem à tona a complexidade, tanto social quanto psicológica que envolve a maternidade, dessacralizando, em parte, esse mito enraizado não só na cultura de nosso país como na de outros. (Silveira, 2022, p. 31)

No entanto, na literatura contemporânea, somos confrontados com uma galeria de personagens que desafiam essa imagem idealizada de mãe, trazendo à tona a complexidade intrínseca à maternidade. Esse movimento literário tem o poder de profanar, em parte, o mito profundamente enraizado não apenas na cultura brasileira, mas em muitas outras culturas ao redor do mundo.

É pela literatura que se pode explorar, por meio das narrativas, as múltiplas facetas da maternidade, mergulhando nas nuances sociais e psicológicas que a cercam, como afirma Barthes ao dizer que “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles [...] a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas” (Barthes, 1979, p. 18-19). Uma das principais mudanças na representação da maternidade na literatura contemporânea é a rejeição da idealização da mãe como uma figura divina e intocável. Ao contrário, as narrativas contemporâneas frequentemente apresentam mães como seres humanos com falhas, dúvidas e dilemas. Essas representações mais realistas e multifacetadas da maternidade refletem a evolução das percepções culturais sobre o papel das mães na sociedade. Como relata Vasconcelos:

A experiência da maternidade segue sendo muito significativa e simbólica na vida das mulheres, tanto quando se concretiza como quando se ausenta. Teoricamente, hoje, esta experiência deveria ser uma opção e não uma imposição. A mulher já poderia escolher ser mãe das mais variadas formas que isso pode acontecer ou simplesmente não se envolver com sentimentos maternos, sem que nenhuma opção gerasse qualquer desconforto. A maternidade compulsória é tão trágica quanto as dificuldades concretas que envolvem o desejo de vivê-la. A literatura, no entanto, é feita de vários mundos: é feita do mundo que vivemos, do que desejamos e do que queremos destruir dentro e fora de nós. Na representação mais tradicional da literatura, especialmente na de autoria masculina, a complexa experiência da maternidade era representada de forma estereotipada. Na

contemporaneidade, o olhar feminista pode e tem trazido à tona novos rumos em roteiros que a imaginação das escritoras tem problematizado. (Vasconcelos, 2010, p. 3)

As palavras de Vasconcelos nos levam a refletir sobre a transformação que a literatura contemporânea tem proporcionado na maneira como abordamos a maternidade. A literatura contemporânea desempenha um papel fundamental nesse processo de redefinição da maternidade. Escritoras feministas têm se destacado ao desafiar os estereótipos tradicionais que envolvem a experiência da maternidade. Elas exploram as complexidades, as dúvidas e os dilemas que as mães enfrentam, tornando suas personagens mais tridimensionais e reais.

Essa abordagem mais aberta e crítica da maternidade na literatura contemporânea não apenas enriquece as narrativas, mas também contribui para uma sociedade mais igualitária e empática. Ao reconhecer que as mães são seres humanos com suas próprias jornadas e desafios, a literatura contemporânea nos convida a repensar nossos conceitos e expectativas em relação à maternidade, promovendo um diálogo mais inclusivo e respeitoso sobre esse tema tão significativo em nossas vidas.

Além disso, a literatura contemporânea aborda questões sociais e políticas relacionadas à maternidade, como a pressão sobre as mulheres para conciliarem carreira e maternidade, as expectativas contraditórias em relação à feminilidade e à maternidade, e os desafios enfrentados por mães solteiras ou de famílias não tradicionais. Essas narrativas não apenas desafiam estereótipos prejudiciais, mas também promovem uma discussão importante sobre a igualdade de gênero e os direitos das mulheres, onde os homens, ainda tem na maternagem e muitas vezes levam esta visão à literatura, sobre uma mãe como a Virgem Maria, como ressalta Hooks:

Ironicamente, quando pensadoras feministas trabalharam para criar uma imagem mais balanceada de uma cultura de maternagem, a cultura patriarcal dominante lançou uma perversa crítica à maternagem solo e aos lares comandados por mulheres. Essa crítica foi mais dura quando o assunto era bem-estar. Ignorando todos os dados que mostram o quanto mães solteiras amáveis exercem habilidosamente a maternagem com pouca renda – tanto quanto recebem assistência do Estado como quando são assalariadas -, críticas patriarcais chamam atenção para famílias disfuncionais cujo chefe é uma mulher; agem como se isso fosse norma, e então sugerem que o problema poderia ser solucionado se houvesse um homem no contexto, como provedor patriarcal e chefe de família (Hooks, 2018, p. 115).

As palavras de Hooks ressaltam ainda mais a importância da literatura contemporânea como uma ferramenta poderosa na desconstrução de estereótipos prejudiciais relacionados à

maternidade. A crítica à maternagem solo e aos lares liderados por mulheres, como apontado por Hooks (2018), é um reflexo da persistência das normas patriarcais na sociedade. Essas críticas não apenas ignoram a realidade das mães solteiras que desempenham com habilidade a maternidade em diversas circunstâncias, mas também perpetuam a ideia de que a presença masculina é necessária para uma família funcionar plenamente.

No entanto, a literatura contemporânea desafia essa narrativa patriarcal ao apresentar histórias de mães que são independentes, resilientes e capazes de criar seus filhos com sucesso, independentemente do modelo tradicional de família. Essas narrativas oferecem uma visão mais realista e inclusiva da maternidade, destacando a diversidade de experiências maternas e a força das mulheres em enfrentar os desafios que a sociedade lhes impõe.

Prova disso é justamente o texto que será estudado aqui, *A teta racional* (2016), de Giovana Madalosso, mas podemos citar outras obras literárias e, até mesmo audiovisuais que fornecem essa visão realista da maternidade e maternagem, como o criticado documentário *Olmo e a Gaivota*, dirigido por Petra Costa e Lea Glob, lançado em 2014, na narrativa acompanhamos a vida da atriz Olivia Corsini durante um período de crise pessoal e profissional e sua gravidez, assim, a atriz se depara com questões existenciais e emocionais profundas, enquanto enfrenta a pressão da maternidade iminente e as demandas de sua carreira no teatro.

Através de um estilo de documentário intimista, o filme explora as complexidades da experiência da maternidade, a relação entre Olivia e seu parceiro, Serge, e as pressões do mundo do entretenimento. À medida que Olivia se esforça para equilibrar suas paixões e responsabilidades, *Olmo e a Gaivota* oferece um olhar comovente e reflexivo sobre temas como identidade, feminilidade e a jornada emocional da gravidez e da maternidade.

Tanto o livro de Madalosso como o documentário de Petra Costa e Lea Glob, foram inicialmente criticados de maneira, por vezes, repulsiva nos meios de comunicação e na crítica especializada, uma vez que a mãe e a maternidade, por meio do consciente coletivo e da imagem idealizada, principalmente do homem ou do pai, deve ser sempre observada e relatada como algo bom, perfeito, lindo e nunca criticado, como afirma Vasconcelos:

A imagem materna é, provavelmente, o mais poderoso e universal dos arquétipos; é o primeiro ser feminino com o qual o homem tem contato. A relação com a mãe funda e modela nosso barro emocional, a terra da qual tiramos o molde de nossos relacionamentos. Por outro lado, o papel de mãe, que é sinônimo de valorização no mundo patriarcal, é também uma imposição que aprisiona psicologicamente a mulher, podendo conduzi-la à frustração. Dos papéis femininos, é provavelmente a maternidade que sofreu sempre

maior pressão no sentido de manter uma imagem idealizadora de mulher, relacionando-a ora à própria natureza, num determinismo reductor; ora ao sagrado, impondo-lhe o sobrenatural. A força da mitificação da figura materna é muito poderosa no nosso imaginário, dificultando qualquer proposta de maior discussão da sua real complexidade. (Vasconcelos, 2010, p. 3)

Vasconcelos destaca então, a poderosa influência da imagem materna como um arquétipo universal, moldando nossas emoções e relacionamentos desde o início da vida. No entanto, ela também ressalta como o ideal da maternidade, muitas vezes associada a uma imagem divina e sobrenatural, pode aprisionar psicologicamente as mulheres, impondo-lhes pressões e expectativas.

Essa complexidade psicológica da maternidade, que Vasconcelos (2010) discute, também encontra reflexo na literatura contemporânea. As narrativas contemporâneas frequentemente exploram personagens maternas que enfrentam dilemas relacionados à identidade, sacrifício, amor incondicional e ambiguidade emocional. Essas representações autênticas da maternidade ressoam com os leitores, permitindo-lhes se identificar com as alegrias e desafios que a maternidade traz.

Assim, a literatura contemporânea desempenha um papel essencial na desconstrução da idealização estereotipada da maternidade como uma dádiva divina. Ela nos convida a questionar as normas sociais e a refletir sobre as complexidades da experiência materna. Ao fazer isso, a literatura contemporânea enriquece nosso entendimento da maternidade e da condição feminina na sociedade atual, contribuindo para uma visão mais realista e inclusiva desse importante aspecto da vida das mulheres, como abordaremos de forma mais ampla no capítulo a seguir, em que falaremos sobre a maternidade na literatura contemporânea.

Literatura e maternidade

A literatura, como uma manifestação artística e cultural que transcende fronteiras e épocas, tem sido um veículo poderoso para a exploração da complexidade da experiência humana através de narrativas e palavras habilmente entrelaçadas (Barthes, 1977). Compreendendo diversas formas, como romances, contos, poesias e ensaios, a literatura desempenha um papel fundamental na expressão, comunicação e reflexão sobre ideias, emoções e questões sociais.

Além disso, a literatura pode ser utilizada até mesmo como uma formação histórica, uma vez que a narrativa, muitas vezes, se relaciona ao período de tempo em que é escrito,

bem como, seu momento histórico e suas questões sociais naquele momento. Nesse sentido, o crítico brasileiro Antonio Candido argumenta que:

[...] a *literatura* propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores comuns são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (Candido, 2000, p. 23, grifo do autor)

A compreensão das diversas dimensões da realidade, como destacado por Candido, desempenha um papel fundamental na consolidação da literatura como uma poderosa ferramenta de interpretação do mundo e como um conceito artístico em si. Isso se deve ao fato de que uma única obra literária pode ser abordada, examinada e apreendida de múltiplas maneiras, variando de acordo com a perspectiva do leitor. Essa versatilidade e adaptabilidade da literatura ressaltam sua relevância tanto como um espelho da sociedade quanto como uma expressão única da criatividade humana. A esse respeito Moisés tece o seguinte comentário:

Lat. Literatura, arte de escrever, de *littera*, letra.

Problema fulcral e permanente, situado na base de todas as controvérsias críticas e teóricas, o conceito de “literatura” tem sido amplamente examinado, sem conduzir a resultados definitivos. É de crer que continue a oferecer resistência, na medida em que a própria atividade literária segue um incessante progresso cumulativo. Provavelmente em razão dessa capacidade fecunda de renovar-se ao mesmo tempo que os artefatos que busca denominar, o conceito de “literatura” está implícito, de forma sistemática e persistente, em todas as polêmicas doutrinárias e em todos os escritos críticos: parece fora de dúvida que os desentendimentos nessa área principiam e terminam na noção de “Literatura”. (Moisés, 2013, p. 273)

Independentemente das perspectivas críticas e teóricas, a revitalização da literatura nos conduz a considerar outros conceitos, conforme destacado por Frye (1957, p. 22), quando ele afirma que "naturalmente a literatura é apenas uma de muitas formas de arte...".

Uma das características mais marcantes da literatura é sua capacidade intrínseca de criar mundos imaginários que transportam leitores para diferentes épocas, lugares e

realidades, permitindo-lhes vivenciar vidas e perspectivas que podem ser muito diferentes das suas. A empatia gerada por essa experiência vicária é uma das razões pelas quais a literatura é tão poderosa.

Além disso, a literatura frequentemente reflete e comenta sobre questões sociais, políticas e culturais, em suma, os autores utilizam a ficção como uma lente para explorar temas como desigualdade, identidade, injustiça e conflitos. Essas obras não apenas entretêm, mas também provocam questionamentos e diálogos críticos sobre o mundo em que vivemos, a literatura está intrinsecamente ligada à história e à sociedade. Nessa perspectiva Krüger relata que:

Como sujeitos pertencentes a um meio social sabemos que é comum a influência que recebemos, tal influência vem juntamente com a história e em muitos casos permanece ainda com valores que estão sendo reproduzidos há muito tempo e não, necessariamente, correspondem à realidade. Ao pensarmos na maternidade idealizada [...] uma característica biológica e simbólica que diferencia as mulheres dos homens e que carrega consigo significados históricos que caracterizam e explicam modelos repressivos do corpo feminino e do gênero. (Krüger, 2018, p. 297)

Como mencionado anteriormente, a literatura desempenha um papel fundamental na reflexão sobre questões sociais, políticas e culturais, convidando-nos a explorar e questionar o mundo que nos cerca. Nesse contexto, a maternidade é um tema que a literatura contemporânea aborda de forma crítica e provocativa, desafiando a idealização histórica que a envolve (Krüger, 2018).

A idealização da maternidade historicamente representou as mulheres como seres intrinsecamente ligados à maternagem, uma característica biológica e simbólica que as distinguia dos homens. No entanto, essa idealização tem raízes profundas em significados históricos que frequentemente serviram para justificar modelos repressivos que limitavam a autonomia e a liberdade das mulheres.

Algumas das literaturas contemporâneas, iniciam uma abordagem em relação à mãe e a maternidade, onde esses modelos repressivos são questionados de maneira crítica. Ela destaca a diversidade de experiências maternas e desafia os estereótipos arraigados que permearam a representação da maternidade ao longo da história. Personagens maternas complexas e multifacetadas são criadas nas páginas da ficção, refletindo a realidade de muitas mulheres que enfrentam dilemas, desafios e expectativas conflitantes em relação à maternidade. Madalosso discorre sobre isso em uma entrevista intitulada “Giovana Madalosso: ‘Sou feminista, minha literatura, não’” à Carta Capital:

Todos os dias eu acordo e vejo na rua personagens femininas incríveis que nunca foram representadas na literatura, ou ao menos não por escritoras mulheres. Então o que me move e continuará me movendo por muitos anos é trazer essas figuras minhas páginas. [...] Eu me sinto à vontade para escrever sob o ponto de vista de um homem, mas não tenho vontade de fazer isso porque o homem já está muito bem representado na literatura. (Madalosso, 2018, n. p.)

Nessa entrevista Madalosso deixa claro que sua escrita, desde o primeiro livro *A teta racional* (2016) é sobre mulheres, mas não mulheres estereotipadas por homens, mas mulheres reais do dia-a-dia e isso está presente no primeiro livro dela, onde ela, de certa forma escreve sobre si mesma enquanto uma mulher que ficou grávida e teve uma filha.

Na literatura contemporânea, a abordagem crítica não se restringe apenas a uma análise histórica das representações da maternidade. Ela também nos instiga a refletir sobre como os modelos repressivos do passado ainda exercem influência em nossa sociedade atual. Essa provocação nos convida a questionar e desmontar as narrativas históricas arraigadas, fomentando um diálogo crítico e transformador sobre a maternidade e o papel das mulheres na sociedade contemporânea. Essa perspectiva da literatura como uma ferramenta para desvelar e desafiar concepções históricas é crucial para ampliar nossa compreensão do mundo que nos cerca.

Em Mães: Um Estudo Antropológico da Maternidade (1996), de Sheila Kitzinger a autora oferece uma análise abrangente das experiências maternas em diferentes contextos culturais e históricos. Seu trabalho destaca como as mães enfrentam desafios emocionais, sociais e culturais únicos em suas jornadas maternas, proporcionando um olhar crítico sobre a diversidade de experiências maternas ao redor do mundo, algo que, como narramos acima, a literatura contemporânea tenta transformar. Nesse sentido, em seu livro Sheila discorre:

Na nossa civilização o sexo é a experiência que faz de uma rapariga mulher. Por outro lado, as sociedades camponesas de todo o mundo apontam a primeira gravidez e o primeiro parto como a ocasião em que se atinge o estatuto de adulto. Talvez, de certo modo, tenhamos perdido o equilíbrio como se o despertar e a realização sexual fossem a chave para ser “crescido”, e não os direitos e responsabilidades de trazer uma nova vida ao mundo, ou para aquelas que não escolhem a fertilidade, a capacidade de aceitar responsabilidades para com a vida de outrem. (Kitzinger, 1996, p.48)

A literatura é uma das formas de arte que podem abordar essas questões sem censura e assim falar a verdade sobre a mulher, o sexo, a mãe, o ato de parir, além da ampliação do

entendimento da maternidade, reconhecendo a complexidade inerente a essa experiência para as mulheres.

Como já mencionado, historicamente, a maternidade foi retratada na literatura sob a ótica patriarcal, perpetuando estereótipos que retratavam mães como figuras submissas e sacrificiais (Badinter, 1985). No entanto, a literatura também serviu como um espaço para a exploração detalhada dos desafios e complexidades da maternidade, muitas vezes desafiando esses estereótipos profundamente enraizados.

No contexto feminista, a literatura desempenhou um papel fundamental na desconstrução das narrativas patriarcais relacionadas à maternidade (Gradvohl, Osis & Makuch, 2014). Autoras como Simone de Beauvoir e Audre Lorde questionaram e subverteram os estereótipos que reduziam as mães a figuras unidimensionais. Suas obras destacaram a multiplicidade de experiências e emoções ligadas à maternidade, lançando luz sobre as tensões entre a maternidade e a busca pela autonomia. A literatura, como meio de expressão e crítica, permitiu que essas autoras explorassem as complexidades da identidade materna em um mundo em constante transformação. A esse respeito Beauvoir questiona:

Mas bastará mudar as leis, as instituições, os costumes, a opinião pública, todo o contexto social para que mulheres e homens se tornem realmente semelhantes? [...] [C]umpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo; o abismo que separa a adolescente do adolescente foi cavado de maneira acertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que foi feita e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; pesando-se esse passado, compreende-se com clareza que seu destino não se acha fixado na eternidade (DE BEAUVOIR, 2009, p. 928-929)

A reflexão de Simone de Beauvoir sobre a construção social da identidade feminina e a influência da sociedade na definição dos papéis das mulheres é fundamental para nossa compreensão das complexidades que envolvem a maternidade. Ela nos lembra que a maternidade, assim como outros aspectos da feminilidade, não é inerente ou natural, mas uma construção social moldada ao longo da história.

Essa perspectiva se alinha com o que a literatura contemporânea busca alcançar ao explorar a maternidade. Autoras modernas, como Elena Ferrante em sua aclamada tetralogia *A Amiga Genial* (2011), também questionam as noções tradicionais de maternidade. Em sua

obra, Ferrante apresenta personagens femininas complexas que enfrentam uma série de desafios em relação à maternidade. Ela explora a tensão entre a identidade individual e o papel materno esperado pela sociedade, criando um retrato multifacetado das experiências maternas.

Esses romances contemporâneos lançam luz sobre as questões levantadas por Beauvoir, destacando como as mulheres são moldadas por expectativas sociais e como a maternidade é uma função socialmente atribuída, sujeita a mudanças e redefinições. A literatura, ao dar voz a essas experiências diversas e complexas, nos convida a questionar as construções sociais que limitam as mulheres a determinados papéis e a considerar como essas narrativas podem ser transformadas.

Elisabeth Badinter, em *O Mito do Amor Materno* (1985), desafia as concepções tradicionais do amor materno como um instinto inato e inquestionável. Sua obra lança um olhar crítico sobre a pressão social exercida sobre as mães para que se conformem a um ideal de maternidade predefinida, frequentemente à custa de sua autonomia e identidade individuais. Badinter questiona como essa idealização do amor materno pode ser prejudicial, trazendo à tona importantes discussões sobre a liberdade das mulheres para fazerem escolhas relacionadas à maternidade, a esse respeito é interessante citar uma fala da atriz Samara Felippo no podcast Theorapia, conduzido por Theodoro Cochrane, filho de Marília Gabriela, na passagem, Felippo diz:

Eu não gosto da função de ser mãe, não gosto de acordar cedo, não gostei de estar grávida, minha pele encher de manchas, não gostei de pausar minha carreira. Isso não invalida minha maternidade e o amor incondicional que eu tenho pelas minhas filhas, tudo que dediquei e dedico a elas. Era um tabu isso. Quando falei, muitas mulheres disseram "obrigada, eu não sou um monstro" (Felippo, 2023, Theorapia Podcast)⁴

A fala da atriz Samara Felippo é algo inimaginável em literaturas, meios artísticos e até mesmo por mães até o século XX, e ainda é um tabu até os dias atuais, porém, na contemporaneidade a literatura tem sido uma ferramenta valiosa para representar e explorar a maternidade, revelando as múltiplas dimensões dessa experiência universal, sendo elas positivas ou até mesmo negativas para a mulher/mãe.

A literatura não apenas reflete as mudanças nas percepções culturais e sociais ao longo do tempo, mas também desafia as estruturas patriarcais, dando voz a perspectivas diversas e

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=LIV5xihl8Yk&t=1s&ab_channel=T%C3%A9aTheo

complexas, dando voz às mulheres, sobre as mulheres com escritas de mulheres. A interseção entre literatura e maternidade continua a enriquecer nosso entendimento dessa parte fundamental da vida humana, incentivando a reflexão e o diálogo crítico sobre essa temática profundamente significativa. Além disso, o texto de Madalosso (2018), principalmente no texto que abordaremos a seguir. *A teta racional*, livro e conto (homônimo ao livro) destaca a importância de representar mulheres reais do dia-a-dia na literatura, o que reforça a necessidade de ampliar ainda mais a diversidade de vozes femininas na escrita literária.

A partir do exposto, nos próximos capítulos conheceremos um pouco mais sobre a vida e obra da escritora Giovana Madalosso, além de fazer uma análise do conto homônimo ao livro *A teta racional*.

“A Teta Racional”, de Madalosso

Giovana Madalosso, é jornalista formada pela Universidade Federal do Paraná, construiu uma carreira multifacetada que a levou de Curitiba para São Paulo. Inicialmente, trabalhou como redatora publicitária antes de encontrar seu espaço na cidade paulistana, onde continuou sua trajetória na literatura.

No entanto, o início de sua jornada literária foi marcado por desafios significativos. Ao conceber seu primeiro livro, *A Teta Racional* (2016), enfrentou resistência de algumas editoras que hesitaram em abordar o tema central da obra: sua experiência pessoal com a maternidade e a amamentação. Apesar dessas adversidades, o livro não apenas viu a luz do dia, mas também alcançou um feito notável ao se tornar finalista do prestigioso Prêmio Clarice Lispector em 2017.

A autora continuou a expandir seu horizonte literário com *Suíte Tóquio* (2020), uma obra que se destacou como finalista na categoria Romance Literário do 63º Prêmio Jabuti. Além disso, esse livro marcou um importante ponto de inflexão em sua carreira ao ser traduzido para o espanhol e o inglês, tornando-a uma escritora internacionalmente reconhecida.

Madalosso não se limita à escrita; ela também é uma figura engajada na promoção da literatura feminina. Em 2022, liderou, junto com Natalia Timerman e Paula Carvalho, um evento intitulado "Um Grande Dia em São Paulo," realizado durante a Feira do Livro da cidade. Inspirado na icônica imagem "Um Grande Dia no Harlem," o evento reuniu mais de 400 mulheres escritoras no Pacaembu, celebrando a diversidade e a voz das mulheres na

literatura. Esse movimento se espalhou por outras 50 cidades, reunindo quase 1.700 autoras para fotos e para mapear a rica literatura produzida por mulheres no Brasil.

Além disso, Giovana Madalosso demonstrou seu compromisso com a memória e a empatia. Em 2020, ela foi uma das organizadoras do *Memorial Inumeráveis*, um projeto emocionante que homenageia as vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil, compartilhando suas histórias e preservando suas memórias.

Mais recentemente, a partir de janeiro de 2023, Giovana assumiu a posição de colunista no jornal Folha de São Paulo, ampliando ainda mais sua influência e participação no cenário literário e jornalístico brasileiro. Sua trajetória é marcada por sua versatilidade, engajamento social e contribuição significativa para a literatura e a cultura brasileiras.

A Teta Racional (2016) é uma obra que desafia convenções e explora o realismo surrealista. Por meio de uma narrativa não linear e fragmentada, Madalosso mergulha nas vidas de personagens que vivenciam o cotidiano de maneiras inesperadas e surpreendentes. O título nos faz refletir, principalmente sobre as escolhas humanas em uma perspectiva lógica, apontando para a possibilidade de que o racional nem sempre prevaleça em nossas ações e emoções.

A escrita de Giovana Madalosso se destaca por sua linguagem vibrante e um estilo que se caracteriza pela originalidade. Ela utiliza a ironia e o humor de forma perspicaz para desafiar as expectativas do leitor e subverter as normas literárias convencionais. Suas histórias frequentemente exploram o absurdo do cotidiano, revelando a estranheza que pode estar presente nas situações mais comuns.

Um dos aspectos mais notáveis de *A Teta Racional* (2016) é a habilidade da autora em capturar momentos de introspecção e vulnerabilidade. Madalosso adentra profundamente nas complexidades emocionais de seus personagens, revelando suas dúvidas, desejos e medos mais profundos. Essa abordagem sensível à psicologia humana adiciona uma camada de profundidade à narrativa, criando um espaço de conexão entre os leitores e os personagens.

Além disso, a autora faz uso de elementos simbólicos e metafóricos para explorar questões universais. Suas histórias frequentemente funcionam como um espelho, refletindo os aspectos ocultos da condição humana e as nuances das relações interpessoais. Por meio de suas palavras habilmente escolhidas, Madalosso constrói um universo literário que transcende a superfície da narrativa, convidando os leitores a uma reflexão profunda sobre a vida, o amor, a identidade e a busca por significado.

Outra das criações literárias notáveis de Giovana Madalosso é *Tudo pode ser roubado* (2018). Neste romance, ela continua a explorar temas profundos e complexos, desafiando as fronteiras do realismo e incorporando elementos do surrealismo. A história envolvente apresenta personagens intrigantes e situações inesperadas, mantendo o leitor imerso em um mundo de possibilidades e surpresas.

Dessa forma, é possível observar que Giovana Madalosso é uma escritora que desafia as convenções literárias, explorando o mundo humano de maneira original e provocativo. Suas obras, demonstram sua capacidade de criar narrativas complexas e envolventes que convidam os leitores a explorar as profundezas da psicologia humana, refletir sobre questões universais e mergulhar em um universo literário rico e cativante. Seu legado na literatura contemporânea brasileira é inegável, e suas contribuições continuam a enriquecer o panorama literário nacional e internacional.

Uma análise da “Teta Racional”

O livro de estréia de Giovana Madalosso, *A teta racional* (2016), possui 10 contos sendo eles intitulados: *XX+XY*, *Roleta-russa*, *Idiota outra vez*, *Jardim*, *A paraguaia*, *A teta racional*, *Instantâneos*, *Sentimento no 01403*, *Fim e Suíte das sobras*. Neste trabalho faremos a análise do conto homônimo ao livro, o sexto conto, intitulado “*A teta racional*”.

É necessário ainda, ressaltar a importância de analisar obras que tratam de estudos da literatura, do feminismo, da maternidade e de como a mãe é representada na literatura, uma vez que esta é uma representação do mundo real e do senso comum de uma época, como assinala Prado:

Ao contrário do que pressupõe o senso comum, analisar obras que abordam tais questões se mostra uma tarefa importante não apenas para o feminismo, mas também para os estudos da literatura, pois a forma inovadora como maternidade se configura nessas narrativas representa, além de uma revisão política, uma revisão estética da representação da maternidade. (Prado, 2013, p. 84)

Nesse sentido, ao explorarmos obras que abordam temas como a literatura, o feminismo e a maternidade, estamos mergulhando em um universo rico e complexo, onde a escrita se entrelaça com as questões sociais e políticas de uma época. A literatura, como bem salientou Prado, não é apenas um reflexo do mundo real, mas também uma força que molda nossa percepção e compreensão dele. Quando analisamos como a maternidade é representada

na literatura, não estamos apenas contribuindo para o avanço do feminismo, mas também para a evolução estética da própria representação da maternidade.

É fundamental reconhecer que a maternidade não é uma questão isolada, mas está intrinsecamente ligada às dinâmicas sociais, culturais e políticas de cada período histórico. Através da análise crítica dessas obras, podemos desvendar nuances e complexidades na representação da maternidade que muitas vezes passam despercebidas. Isso nos permite não apenas questionar estereótipos arraigados, mas também apreciar a criatividade e a inovação de autores e autoras que desafiaram as normas estabelecidas.

A partir do exposto, temos a “Teta Racional”, como um conto intimista, político, crítico e que nos mostra as dinâmicas sociais atuais sobre a mulher, neste conto em específico, em período de amamentação, onde a mesma passa pela situação de ter que se trancar no banheiro do trabalho para tirar seu leite, colocar na geladeira do escritório e levar para casa enquanto enfrenta um patrão machista e um tanto abusivo no decorrer da narrativa.

Embora pareça um texto pequeno, de três páginas, o conto proporciona uma análise rica e multifacetada sobre temas interligados, como maternidade, mulher, mãe, trabalho, amamentação, opressão e etc. A narrativa oferece uma visão íntima da protagonista que, enquanto enfrenta as complexidades da vida moderna, reflete sobre esses tópicos de forma profunda e intrigante. O conto de apenas três páginas⁵, é pequeno aos olhos de quem vê e gigante aos olhos de quem analisa, poderia dar facilmente um livro inteiro apenas de análise do conto.

A narrativa já se inicia em tom quase sarcástico, quando a protagonista relata: “Estou trancada no banheiro da agência ordenhando” (Madalosso, 2016, p. 84). Esta passagem do texto possui duas críticas a primeiro é sobre o isolamento, onde a narradora está "trancada no banheiro", local em que ela passa boa parte da narrativa, que, mesmo sendo um pequeno conto, se estende o entendimento de que essa rotina dela é corriqueira, o que sugere isolamento e solidão. Esse isolamento físico pode ser uma metáfora para a solidão emocional ou a alienação que ela sente em relação à sua tarefa.

Teixeira, em seu artigo *Mãe e Monstro: a desconstrução da figura materna na escrita de autoria feminina*, ao analisar outra narrativa onde há como protagonista uma mulher/mãe, observa que esse isolamento é algo recorrente na literatura de maternidade, assim como na vida, quando a autora ressalta “uma solidão característica da sua condição feminina em um mundo patriarcal.” (Teixeira, 2010, p. 53).

⁵ São três páginas em folha A5, tamanho 21x14,8cm. Em uma folha A4, fonte 12, Times new roman, o conto tem uma página.

Outro ponto presente ainda na primeira passagem do texto de Madalosso é que a maternidade emerge como um tema central na história. A protagonista se vê envolvida na tarefa de ordenhar leite materno no banheiro do trabalho, dois pontos em comum aqui, chamam atenção, o primeiro é o ato de “ordenhar” palavra comum ligado à vacas leiteiras e o outro é o fato da mesma se encontrar em uma cabine de banheiro do trabalho, como se esta fosse uma “vaca leiteira”, tirando seu leite, trancada ali em seu local de trabalho de “dar leite”, como uma vaca que após ver seu leite secar, vai para o abate, que seria seu próprio trabalho.

Seguindo a passagem a autora escreve:

Ajeito a peça plástica em volta do mamilo, aperto a válvula com força, vejo o leite esguichar pela cânula e cair dentro da mamadeira. Eu poderia fazer isso de olhos fechados. Poderia fazer isso de olhos fechados assobiando o hino do Brasil. Faço isso quatro vezes por dia, cinco vezes por semana. Depois guardo a mamadeira na geladeira da copa e, à noite, volto para a casa carregando os frascos a tiracolo, como um entregador de leite. No dia seguinte, a babá serve tudo para o meu bebê. (Madalosso, 2016, p. 84)

A frequência da tarefa, quatro vezes por dia, cinco vezes por semana, destaca a natureza monótona do trabalho. A rotina é enfatizada ainda mais quando a mamadeira é guardada na geladeira da copa todas as noites.

Há ainda uma passagem em que a narradora diz utilizar uma bomba de extração para tirar o leite, uma tarefa rotineira e mecânica, sugerindo que a personagem está envolvida em uma atividade monótona e repetitiva, por vezes tão repetitiva que ela mesma diz poder fazer de olhos fechados, algo repetitivo, cansativo, rotineiro, que por vezes para a mãe pode parecer eterno e não materno. A ação é descrita com tantos detalhes técnicos, que cria uma atmosfera realista e crua, sem que haja as poesias de amor e maternagem angelical, comum em inúmeras narrativas sobre mães de tempos atrás.

A frequência com que ela realiza essa atividade destaca a dedicação que as mães frequentemente têm em relação aos cuidados com seus filhos. Mas Madalosso também tece uma crítica feroz sobre rítica à Modernidade e ao Feminismo, pois a passagem também pode ser lida como uma crítica à pressão moderna sobre as mulheres onde são vistas como seres capazes de fazer tudo, incluindo trabalhar e cuidar dos filhos. A narradora parece estar sobrecarregada e desconectada de sua própria maternidade, ilustrando o conflito entre as expectativas sociais e as necessidades individuais.

A frequência com que ela realiza essa atividade destaca a dedicação que as mães frequentemente têm em relação aos cuidados com seus filhos. Nesse trecho podemos ver tanto a exaustão da rotina, como o amor incondicional pelos filhos, algo próximo do que Samara Felippo disse em sua entrevista, da vida real para a literatura, da forma mais crítica que Giovana Madalosso pode descrever.

No segundo parágrafo a protagonista expõe de forma ainda mais explícita à pressão da maternidade que tem que dividir tarefas, entre ser mãe, ser mulher, ser trabalhadora e, por vezes ter que ser tudo ao mesmo tempo em tempo integral, como vemos na passagem:

O meu chefe bate na porta e pergunta se vou demorar. Mais uns dez minutos, eu digo. Jogo a cabeça para trás, fecho os olhos e tento mentalizar coisas que despertem o meu amor, porque uma amiga me disse que o amor estimula a produção de ocitocina e isso faz o leite fluir mais rápido. Penso no meu bebê, nas covinhas dele, e começo a sentir um negócio no peito, [...] um amor funcionário do mês que vai estimular meu corpo todo, [...] e então o babaca do meu chefe bate na porta de novo pedindo que, quando eu sair do banheiro, vá direto para a sua sala.

Meu mamilo brocha. Eu juro por Deus, ele brocha. O bico, que estava duro, amolece e se retrai, deixando clara a sua recusa de trabalhar em tão precárias condições. Puxo-o para fora, mas, como se fosse revestido por uma mola, ele volta para dentro. (Madalosso, 2016, p. 84-85)

É possível observar que a protagonista explora a influência do amor na produção de leite, mencionando a ocitocina, o hormônio do amor, tentando canalizar esse sentimento para garantir a eficiência da sua “ordenha”, ilustrando como a maternidade é permeada por uma complexa interação entre emoções, biologia e obrigações cotidianas.

Neste interim, Teixeira destaca que:

À mãe, geralmente, atribui-se a idéia mítica de ideal de amor e afeição. Apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família, ainda é bastante presente na literatura e no senso comum. (Teixeira, 2010, p. 84)

É neste ideal mítico de amor e afeição que Madalosso traça um paralelo crítico entre o amor que a protagonista sente por sua cria e ao mesmo tempo, claramente, se sente incomodada por ser mãe, pela função de ser mãe, principalmente ao ser incomodada no trabalho pelo chefe, onde ela claramente deixa claro que o incomodo “brocha” seu mamilo. Aqui, fica claro o título do texto, pois Madalosso coloca a teta como um objeto racional, uma parte do corpo, que, como o falo masculino, tem seu próprio “tempo” de liberar o leite, e ao ser incomodada, mesmo que a mãe não queira, o peito deixa de ser estimulado e

automaticamente “brocha” e ainda o coloca como um trabalhador que se recusa a trabalhar em situações tão precárias.

Sua relação entre mãe e mulher trabalhadora, sendo uma possível e passível máquina mulher materna vinte e quatro horas por dia fica ainda mais clara no trecho

Eu limpo o mamilo, guardo a teta, fecho a blusa, solto a trava de segurança, desroqueio a válvula, tiro o receptáculo, desencaixo a cânula, derramo o leite num frasco, anoto a data num adesivo, colo no frasco, esterelizo as peças, guardo tudo na bolsa de amamentação e saio do banheiro.
No caminho para a sala do meu chefe, paro na copa e guardo o leite na geladeira. (Madalosso, 2016, p. 85-86)

Aqui, fica ainda mais claro a mecanicidade do trabalho materno e de amamentação, quando a protagonista detalha ainda mais a função de se “ordenhar” ou tirar o leite, e toda sua função de limpar, fechar, soltar, tirar, desencaixar, esterelizar, guardar...

Simone de Beauvoir (2009) deixa claro em seu livro *O segundo sexo*, que a gestação, assim como a maternagem é um trabalho cansativo, “que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige ao contrário, pesados sacrifícios” (Beauvoir, 2009, p. 62), e que embora os homens vejam essas mulheres e mães como poderosas por fazer todo trabalho, de casa, fora de casa, com os filhos, as mulheres por outro lado se veem como seres em exaustão constante, máquinas que precisam de ajuda, mas que a sociedade por séculos às fizeram se calar e isso ainda ocorre, uma vez que a sociedade não permite que a mulher e principalmente que a mãe se sinta exausta com seu trabalho de ser mãe. Algo que pode ser colocado na literatura, como feito por Madalosso.

Se no início do conto, Madalosso e a protagonista se vêem como vacas se ordenhando e que, implicitamente, ao secar o leite, vem o abate, no meio do texto, a crítica e o animal mudam para uma cadela, mulheres e cadelas. Mas aqui a cadela não vem em sentido pejorativo de “prostituta” como em inúmeras narrativas patriarcais, aqui Madalosso traça um paralelo entre a possibilidade de uma simples cadela de rua poder exercer sua função de ser mãe enquanto ela, como mulher e humana não pode fazê-lo:

Lembro de uma cena que vi um dia. Uma cadela estava deitada na calçada, amamentando. Os filhotes se revezavam nas tetas. Uns mamavam, outros brincavam com uma lixarada jogada ali perto. Quando eu estava voltando para casa, vi a cadela deitada no mesmo lugar, as oito tetas esparramadas, alguns filhotes mamando, outros brincando, tudo igual, com a única diferença de não estarem mais sob a luz do sol, mas de um poste. (Madalosso, 2016, p. 85)

A imagem da cadela amamentando seus filhotes na calçada serve como um contraponto à experiência da protagonista, enquanto a cadela parece exercer sua maternidade de forma mais natural e descomplicada, a protagonista lida com as distrações e pressões do ambiente de trabalho, isso ressalta a crítica do texto de que as mulheres enfrentam inúmeros problemas emocionais e biológicos ao tentar equilibrar a maternidade com o mundo profissional.

Alguns trechos do referido parágrafo em que a protagonista se lembra da cadela na rua, assim que sai do banheiro, guarda o leite e vai para a sala do patrão, ela novamente se lembra da cadela, ao olhar para baixo e ver seus pés, onde na passagem diz: “Não digo nada, só baixo a cabeça. Olho para os meus pés num par de sapatos e, com tristeza, constato que não sou uma cadela.” (Madalosso, 2016, p. 86).

É ainda, na sala do chefe que podemos ver uma forma de exploração, e de tirar proveito da protagonista/funcionária/mãe, pois, assim como a sociedade muitas vezes explora as mães, esperando que elas desempenhem um papel de cuidadoras sem questionar ou receber reconhecimento adequado. O fato de o chefe exigir, como a mesma já estava em pé, uma xícara de café "duas gotinhas de adoçante, se não é pedir muito" sugere uma expectativa de gratidão pela tarefa, ressaltando o desequilíbrio de poder.

Embora o foco de “A teta racional” seja a amamentação e maternagem, há essa constatação de núcleo de poder entre o chefe e a funcionária/protagonista, que além de funcionária é mãe e muitas vezes, são vistas como pessoas cuidadoras, principalmente dentro de um mundo machista, misógino e patriarcal, assim, muito mais do que a relação de poder em pedir um café, ali, a crítica se faz onde o chefe, pede para que a mãe, em seu estado materno, cuide dele também.

Stevens em seu artigo *O Corpo da Mãe na literatura: uma ausência presente* (2007), faz uma reflexão sobre o corpo da mãe na sociedade e também na literatura a partir da psicanálise Freudiana e Lacaniana, em seu texto ele explicita o fato do homem, mesmo adulto, ver na mulher uma grande-mãe, e quando a mesma tem um filho ou se torna mãe, muitos desses homens se tornam crianças em busca de uma mãe que cuide deles. Alguns, procuram até mesmo, a mãe que lhe falta em mulheres maternas, porém sem filhos.

A mulher é então vista como uma matéria maternal desde sempre. Stevens (2017, p. 85, grifos do autor) assevera também que “Embora a origem da palavra *mother* (latim: *mater*, em inglês: *matter*) associe a mãe com seu aspecto concreto, corporal, já existe considerável produção teórica sobre o corpo da mãe como construção discursiva e a maternidade como

performance. Assim, é possível observar que para os homens a mulher enquanto “objeto materno” é uma performance, de cuidadora, de provedora e de afeto.

Na literatura contemporânea, porém tudo isso é desmistificado, uma vez que, como visto na narrativa de Madalosso, mulheres, enquanto mães, não são como a sociedade as vê ou querem vê-las, elas sofrem, e a maternidade é um trabalho árduo, doloroso, sem remuneração e em tempo integral, associado sempre a uma vida cotidiana corrida.

E isso é visto ao final do texto de “A teta racional”, quando o patrão faz com que a protagonista fique até mais tarde do que o seu horário para resolver a questão de uma propaganda onde os clientes não gostaram do Papai Noel. Ainda assim, a protagonista, mãe, que quer ir embora logo para ver o filho, demonstrando seu amor incondicional à criança, diz ao chefe que ela poderia fazer no dia seguinte, já que o natal é em dezembro e naquele momento do conto, eles estavam no meio do ano. O patrão se nega e exige que ela o faça naquele momento. Por fim, temos a passagem final da obra:

Já estou saindo da sala quando ele pede para fazer um favorzinho, já que estou de pé, já que vou passar pela copa mesmo. Que eu traga para ele uma xícara de café com leite, com duas gotinhas de adoçante, se não é pedir muito.

Vou até a copa. Pego uma xícara, coloco na máquina, aperto o botão. Enquanto a engenhoca rosna depurando o grão, abro a geladeira e fico olhando para os meus frascos, para o líquido quase amarelo de tão denso, para os riscos que marcam os mililitros. Pego o último frasco que guardei, o leite ainda está morno. Despejo um pouco na xícara. Acrescento as duas gotas. Depois vou até a sala do meu chefe e entrego a xícara para ele, que diz obrigado e dá um gole. Eu pergunto tá bom? Tá ótimo, ele fala. Digo que bom, fiz com carinho (Madalosso, 2016, p. 86)

O comportamento da protagonista, que realiza a tarefa sem questionar e até mesmo afirma ter feito “com carinho”, reflete a submissão e a falta de voz que muitas mulheres enfrentam quando se trata de questões de cuidado e maternidade, mas também leva a tona o poder da mulher e da mãe que tem super-poderes para os homens, ela, dá ao chefe o seu leite, o leite que provém, e nos faz refletir que ela não é cuidadora, mas que ele, enquanto homem e chefe age como uma criança ao ver uma mulher e mãe e portanto, deve tomar o leite de sua teta racional.

Considerações Finais

Diante do exposto, é evidente que a literatura contemporânea desempenha um papel fundamental na desconstrução da idealização estereotipada da maternidade como uma dádiva divina. Ela nos convida a questionar as normas sociais e a refletir sobre as complexidades da experiência materna, promovendo um diálogo mais inclusivo e respeitoso sobre esse tema tão significativo em nossas vidas, uma vez que é sempre bom lembrar: todos nós viemos de um útero e mamamos em uma “teta racional”, somos “produtos” de mulheres.

Através das palavras de autoras como Simone de Beauvoir, Audre Lorde, Elisabeth Badinter, Sheila Kitzinger e da literatura contemporânea de Giovana Madalosso, as narrativas patriarcais relacionadas à maternidade são desafiadas, expondo as complexidades e os dilemas enfrentados pelas mães. Essas narrativas autênticas e multifacetadas oferecem uma visão mais realista da maternidade, destacando a diversidade de experiências maternas e a força das mulheres em enfrentar os desafios impostos pela sociedade, no dia a dia de ser mãe, um trabalho em tempo integral e muitas vezes sem remuneração ou agradecimento.

Além disso, a literatura contemporânea também aborda questões sociais e políticas relacionadas à maternidade, como a pressão sobre as mulheres para equilibrarem carreira e maternidade, as expectativas contraditórias em relação à feminilidade e à maternidade, e os desafios enfrentados por mães em situações não tradicionais. Essas narrativas não apenas desafiam estereótipos prejudiciais, mas também promovem uma discussão importante sobre a igualdade de gênero e os direitos das mulheres.

A literatura, podemos afirmar, é uma ferramenta poderosa na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma visão mais inclusiva e realista da maternidade. Ela nos convida a questionar as normas sociais, a refletir sobre a complexidade da experiência materna e a reconhecer a força e a diversidade das mulheres em suas jornadas maternas. Portanto, é inegável a contribuição significativa da literatura contemporânea para o entendimento e a transformação das percepções culturais sobre a maternidade.

Em "A Teta Racional" de Giovana Madalosso vemos como essa literatura contemporânea, feita enquanto ferramenta crítica e profundamente reflexiva age e se propõe a falar sem tabus sobre a maternidade, mulher e pressões sociais e profissionais que mulheres e principalmente mães sofrem diariamente. A obra examina de forma crítica e perspicaz a experiência de uma mãe que precisa conciliar suas responsabilidades maternas com o mundo do trabalho, destacando as complexidades e desafios dessa jornada.

Madalosso utiliza a metáfora da "teta racional" para simbolizar a objetificação da mãe, transformando-a em uma máquina de produzir leite e cuidar dos filhos. Isso ressalta a maneira como a sociedade muitas vezes reduz as mães a meras executoras de tarefas, sem levar em consideração suas próprias necessidades e emoções.

A protagonista do conto enfrenta uma rotina exaustiva de ordenhar leite no banheiro do trabalho, destacando a pressão que as mães enfrentam para equilibrar suas responsabilidades profissionais e familiares. A descrição detalhada desse processo enfatiza a monotonia e a mecânica do trabalho materno, ao mesmo tempo em que realça a dedicação e o amor que as mães têm por seus filhos.

A crítica à pressão moderna sobre as mulheres para serem mães exemplares e trabalhadoras eficientes é evidente no conto.

Além disso, a narrativa ressalta a falta de voz e autonomia da protagonista, que se submete às demandas de seu chefe, refletindo a maneira como as mulheres muitas vezes são desencorajadas a questionar ou expressar suas necessidades quando se trata de maternidade e trabalho.

"A Teta Racional" oferece uma análise profunda e crítica da maternidade contemporânea, expondo as complexidades e desafios que as mães enfrentam ao tentar conciliar suas múltiplas responsabilidades. Madalosso utiliza uma linguagem vibrante e original para questionar as expectativas sociais e promover a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. O conto serve como um poderoso lembrete de que a maternidade é uma experiência multifacetada que merece ser reconhecida e respeitada em todas as suas dimensões.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **O Mito do Amor Materno**. Edições ASA, 1985.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KRÜGER, Luana de Carvalho. Mulher-mãe: as performances nos contos "Ira das Mães" de Altair Martins e "XX + XY" de Giovana Madalosso. **Caderno de Letras**, n. 30, p. 295-315, 30 jul. 2018.

KITZINGER, Sheila. **Mães**: Um estudo antropológico da maternidade. Editora Campus, 1996.

MADALOSSO, Giovana. **A teta racional**. São Paulo: Editora Grua, 2016.

MADALOSSO, Giovana. **Suíte Tóquio**. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

MADALOSSO, Giovana. **Tudo Pode Ser Roubado**. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

MADALOSSO, Giovana. Eu sou feminista, minha literatura não. **Revista Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/a-redoma-de-livros/giovana-madalosso-eu-sou-feminista-minha-literatura-nao/>. Acesso em: [data de acesso].

MOISÉS, Massaud. **Literatura**. In: MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. 12. ed. ver., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

PRADO, Amanda Priscila Santos. **Entre gênero feminismo e utopia** : as reconfigurações da maternidade em narrativas de Marge Piercy e Octavia Butler (Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística: Estudos literários) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2013.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. **O corpo da mãe na literatura**: uma ausência presente. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tania Navarro (Org.). A construção dos corpos: perspectivas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. v. 1, p. 85-116.

SILVEIRA, Andressa da. **Representações da maternidade em contos da literatura brasileira contemporânea**. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras [Dissertação em Letras]. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2022. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10380/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Andressa%20Da%20Silveira.pdf>. Acesso em 24 de jun de 2023.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea. **Cadernos da Escola de Comunicação**, [Ano de publicação].